



## Inseguro?

Depois de tantas más notícias, com meio país a exigir a demissão do governo, com muitos ministros e secretários de Estado a saírem e a entrarem, eis que aparecem algumas boas notícias



António Reis Pereira

A imagem é recorrente. Ao maior partido da oposição basta não fazer disparates, basta-lhe como que tentar passar por entre as gotas da chuva, e o resultado, mais cedo ou mais tarde, é promissor, as pessoas ficam por norma tão fartas do governo que votam na alternativa credível que têm mais à mão, o referido maior partido da oposição. É fácil e envolve poucos riscos. Basta ir surfando a onda de descontentamento, como por exemplo juntar-se aos coros de desgosto face a aumento de impostos, congelamento ou redução de salários e pensões, despe-

dimentos da função pública, e por aí adiante.

Naturalmente, quando depois chamada a funções governativas, a postura da antiga oposição muda, cai na realidade (felizmente), a pressão dos resultados passa a falar mais alto e o que antes parecia inverosímil passa a ser inevitável. Afinal os impostos vão ter mesmo de subir, o Estado vai enfim ter de emagrecer, uns boys nuns lugares-chave da administração pública até dão jeito. A nova oposição, essa já se sabe, também muda de ideias, passando também a desdizer o que antes defendia quando governava, e tudo isto é aceite, pois a eloquência e o atrevimento de uns e a ignorância dos outros tudo permite.

E assim temos vivido desde que uns senhores num Abril longínquo resolveram criar a presente Terceira República. Os partidos são os mesmos de sempre, a renovação é mínima, não há surpresas, tudo corre nesta normalidade.

E será que assim vai continuar, será

que esta república não trará surpresas? Pode ser que não, mas também pode ser que sim.

Ora vejamos. Até há poucos dias o país estava indignado com este governo, as manifestações sucediam-se, as gaffes e as incongruências (existentes em todos os governos) eram exploradas até à exaustão por uma comunicação social tendencialmente de esquerda, as previsões saíam todas ao lado, com resultados económicos desastrosos, o PIB a cair a pique, o consumo e o investimento aos níveis mais baixos em muito tempo, com o desemprego, o mais preocupante de todos os indicadores económicos, a atingir valores alarmantes, absolutamente inéditos no nosso país.

É de notar, mesmo assim, que apesar de todas estas más notícias, os estudos de opinião, que valem o que valem, nunca foram consentâneos com o que os nossos *media* propalavam, caso contrário os partidos da coligação teriam chegado a intenções de voto muito baixas, o

que em boa verdade nunca aconteceu, antes pelo contrário.

Entretanto, depois de tantas e tantas más notícias, com meio país a exigir a demissão do governo, com muitos ministros e secretários de Estado a saírem e a entrarem, eis que aparecem algumas boas notícias, primeiro o desemprego a descer, depois o PIB a recuperar, com as certezas que antes pareciam inabaláveis a serem agora postas em causa: e se a receita, de alguma forma, funcionou? E se estivermos de facto na viragem do ciclo económico, se a confiança retornar aos investidores, se o desemprego continuar a sua descida, com muitas das pessoas que perderam os seus empregos a ganhá-los de volta, e se o PIB recuperar sustentadamente? Se tudo isso acontecer, qual vai ser o papel da actual oposição?

É que continuar a criticar só por criticar uma estratégia de risco que resulto, isso sim, poderá ser arriscado, pede-se muito mais a uma oposição responsável que quer voltar a ser governo, o normal comportamento do que têm sido até aqui as oposições pode desta vez revelar-se contraproducente, e aqui pode estar a novidade.

A oposição pode não governar, mas tem responsabilidades, deve estar à altura da situação, e se a situação era e continua a ser de emergência, então pede-se muito mais do que somente criticar para receber o poder numa bandeja dourada. Da oposição espera-se que lute hoje e sempre contra o clientelismo (é imperativo que o faça), mas que também tenha imaginação para apresentar propostas coerentes, humildade para cortar com o passado, grandeza de espírito para apoiar medidas positivas, e acima de tudo sentido de Estado, sendo capaz de formar um bloco de consenso sobre os temas mais importantes para o nosso futuro colectivo.

Há muitos anos, também numa situação de resgate financeiro, o Prof. Mota Pinto não teve problemas em atirar para trás das costas anos de divergências e formou, porque a situação o exigia, uma solução abrangente de governação, pondo o país à frente dos interesses partidários, dando Portugal à data uma resposta coesa aos gravíssimos problemas com que se defrontava.

É esta oposição capaz disso?

Eng. agrónomo e gestor de empresas



Oposição não governa mas tem responsabilidades

ANTÓNIO PEDRO SANTOS